

Greve e denúncia

Termina a greve de alunos na UFRN. Prevalece a proposta de diálogo do Reitor. Afinal, os estudantes reconheceram que existia, apenas, uma tempestade em copo d'água. Isto porque, a reprodução xerográfica, para fins didáticos, era gratuita; a busca de maiores recursos para a Universidade constitui preocupação comum de docentes e discentes; o congelamento dos preços das refeições no Restaurante Universitário, até final do ano, e desde que não haja orientação nacional diversa, recebe a adesão in totum da Reitoria e o sistema de avaliação será discutido a nível do colegiado superior competente, com a colaboração útil e necessária de professores e alunos. Com isto, as partes em debate caminharam para o estuário do entendimento, numa demonstração cabal da maturidade do comando universitário local, como também das lideranças acadêmicas.

Há, entretanto, um ponto grave enfocado, objetivamente, no pronunciamento do Magnífico Reitor ao meio dia de ontem: a doutrinação de certos membros da ADURN junto aos estudantes, concitando-os à greve. Não se diga que tal comportamento abominável faz parte da democracia que esses professores pregam. O Estado de Direito assegura a livre manifestação de pensamento, porém sem descambar para o aqodamento velado a grupos sociais, no sentido de que estes se insurjam contra a autoridade constituída. Isto ocorrendo, configurar-se-á a inversão de valores, pondo em risco a paz e a ordem social, cabendo, em consequência, a advertência e até a sanção, de forma a que não se repita a ação perniciososa com visível desvalia para o progresso e evolução da sociedade.

Especialmente na Universidade, a arregimentação docente não é legítima, quando invade o terreno dos movimentos estudantis, os quais devem agir no âmbito de sua competência e interesses. Admitir-se a ingerência da ADURN, ou de quem quer que seja, no en-

citamento a greves estudantis é negar o valor maior da democracia representado na liberdade de pensar e de agir, anulada pela manipulação facciosa de terceiros.

A denúncia do Reitor é, pela natureza, grave. Sabe-se que dela não participam todos os professores inscritos na ADURN, mas, certamente, uma minoria infiltrada e atuante. Porém, já é tempo dos docentes afirmarem seus valores, para que meia dúzia de alienados radicais não usem o nome da classe, comprometendo-a com atitudes estranhas e sobretudo antidemocráticas. Estes reacionários, que confiam no poder da discórdia como instrumento de afirmação pessoal, têm que tomar ciência da repulsa da maioria, a qual, saindo do silêncio omissivo, terá que partir para a ação prática, com afirmação pública e notória dos verdadeiros valores da classe e a definição concisa do âmbito dos interesses a serem defendidos e preservados.

Caso proceda a denúncia de concitamento de áreas da ADURN na deflagração da última greve estudantil, a responsabilidade, de agora por diante, será dos professores universitários ligados à terra e comprometidos com o futuro da Universidade, evitando, pela presença atuante nas assembleias e eleições dos órgãos classistas, que minorias desconhecidas, aqui aportadas por interesses também poucos esclarecidos, se arvorem líderes dos docentes de ensino superior. Note-se que existem 2.300 professores na UFRN. Destes, participam do quadro de associados da ADURN apenas 768, tendo votado nas últimas eleições dos dirigentes cerca de 160, falando, três ou quatro membros da Diretoria, em nome da classe, assinando notas e tomando "decisões". Os dados estatísticos, divulgados pela Universidade, evidenciam a ilegitimidade dos pronunciamentos e despertam os professores que permitem o uso dos seus nomes em movimentos comprometedores da imagem do nosso centro cultural de nível superior.